

## 1

*A cena é uma sala de aula, vista de lado, com a secretária do professor disposta por modo que apareça quase de frente para o espectador. Algumas carteiras, um quadro preto e o mapa de Portugal. Quando o pano sobe, a cena está vazia de pessoas. Entram quatro alunos. Têm pouco mais de vinte anos.*

EUGÉNIO

Eu vou para ali estudar, ainda temos meia hora. Se vos puserdes a conversar, fazei-o em voz baixa, por favor!

ADOLFO

O que é que vais estudar?

EUGÉNIO

Vou acabar de ler *O Banquete* de Platão.



DELFIN

Sobre o amor não há livro como a *Adoração*. Leonardo, neste livro, serve-nos o mais opíparo banquete de sentimentalismo romântico.

SANT'ANA

Eu faço por esquecer que Leonardo escreveu um livro de tão má qualidade, mas acho de mau gosto criticá-lo em público. Uma obra admirável como a sua não deve ser prejudicada por um livro que é filho de um estado de espírito pouco feliz. Estou convencido que o próprio Leonardo acabará por o reconhecer.

EUGÉNIO

Eu não me importo de ir pelas livrarias reavê-lo, se Leonardo, um dia, tiver a feliz ideia de se arrepender de o ter escrito.

SANT'ANA

São dois mil e quinhentos exemplares.

DELFIN

Não sou da vossa opinião. Há ali frases maravilhosas de lirismo metafísico. O que vocês, no fundo, censuram não é o livro, é ele ter por motivo de inspiração a beleza sem par da nossa colega Natália.

“Leonardo é um homem casado, está apaixonado por uma rapariga solteira”; “Leonardo é quase cinquentão, está perdido de amor por uma rapariga que podia ser sua filha”; “Leonardo é um prestigioso professor universitário, não deveria escrever versos a uma aluna”. O que vocês são é moralistas.



*Entra Natália. É uma rapariga morena, de olhos negros, apanhados os longos cabelos. Muito bonita.*

Eis surge Natália, como Afrodite das ondas! Quem, ao vê-la, pode deixar de *adorá-la?*

## NATÁLIA

Já ontem te disse que não te consinto que me fales desse assunto.

## DELFIN

*(Para os outros que, entretanto, se juntaram a Eugénio, perto de uma janela)* A Natália não consente que se lhe fale da *adoração* que nasce em nós só de vê-la, sobretudo depois de terem sido impressas as belíssimas palavras criadas por Leonardo para a cantar. Mas é agora, com o arquétipo à vista, que podemos apreciar bem quanto são justas. *(Natália vai para junto do grupo. Os gestos de Delfim tornam-se teatrais)* “Deixa tombar os teus cabelos, amor do meu desvaio. Solta os teus cabelos, ó meu amor violento! que eles são a *floresta negra* dos incêndios, saques e pilhagens. Cavalos loucos de violência e medo, salteadores com os despojos de cidades mouras: oh minha encantada Moira, acorda, solta os teus cabelos de Noite e com eles açoita barbaramente o meu negro corpo de bárbaro.” *(Natália volta-lhe as costas no grupo)* “Vamos incendiar o mundo, ó meu amor moreno.” *(O tom de voz de Delfim alterou-se nas quatro últimas palavras. A falsa teatralidade da sua voz transforma-se num dizer sincero, como que apaixonado)* “...não vês que sou um egoísmo de sombra a pedir teus olhos, uma solidão de amor a prender a tua alma?” *(A rapariga volta-se e olha para ele serenamente, com um ar de vago desdém. A voz altera-se de novo, tornando-se trocista.)* Os teus olhos são dois Natais. Entrega-te a mim, Natália! Sê



minha! Leonardo diz no seu livro que não se importa que arranjes outro. Os seus cornos, se quiseres ser minha, serão as antenas em que vibrarão os teus recados para mim.

*.Natália faz menção de sair. Sant'Ana impede-a. Avança para o meio da cena.*

### SANT'ANA

Basta! Já estás a passar dos limites. Não te admito que tragas para a brincadeira o nome de Leonardo e muito menos que sejas tão grosseiro. *(Para Natália que continua a querer ir-se embora)* Não saias. Vem aí Leonardo. Esta sujeira acabou.

### DELFIM

Não acabou ainda. Falta o mais importante. *(Ajoelha-se aos pés de Natália e diz as últimas palavras do livro da Adoração)* Laus Virgini! Louvada seja a Virgem!

*O pano desce. Ouve-se uma surdina de vozes e, depois, o arrastar suave de cadeiras. Quando, passados alguns instantes, o pano volta a subir, Leonardo está de pé, junto à sua secretária, proferindo as últimas palavras da sua lição.*

### LEONARDO

Tinha dito, na última aula, que hoje iríamos iniciar o estudo do *Banquete* de Platão. Afinal, não foi ainda desta vez que deixámos a *Matéria e Memória* de Bergson.

Mas a ideia da existência de duas memórias, a automática e a inventiva, que viemos de reflectir, não está tão longe, como poderíamos supor, daquilo que Platão nos ensina sobre o amor.

